

Compreendendo o papel do intérprete em meio ao processo colaborativo compositor-intérprete

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: PERFORMANCE MUSICAL

Marlon Barros de Lima
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)
marlon.lima@ifpb.edu.br

Lélio Eduardo Alves da Silva
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
leliotrombone@gmail.com

Resumo. O presente trabalho busca abordar questões referentes ao papel do intérprete em meio ao processo colaborativo compositor-intérprete, que se deu através de pesquisa bibliográfica. Este recorte faz parte da pesquisa em andamento, no qual o objetivo é compreender como o processo colaborativo compositor-intérprete pode contribuir no processo criativo e interpretativo de três obras para trombone e piano que serão baseadas em gêneros e estilos presentes na cultura popular oral da Zona da Mata Norte de Pernambuco, do Curso de Doutorado em Música, na linha de Execução Musical (processos e práticas em execução musical) do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia. Desta forma, foi possível compreender diferentes possibilidades de atuação em relação ao intérprete que busca participar de um processo colaborativo com um compositor. O mesmo poderá atuar desde a realização de uma encomenda, até mesmo, participar da criação de uma obra. Portanto, como destaca Torrence (2018), as práticas colaborativas contribuem tanto para a prática artística do performer quanto aquela que ocorre no palco, além de possibilitar o registro de decisões do compositor e intérprete.

Palavras-chave. Processo Colaborativo; Níveis de Colaboração; Papel do Intérprete.

Understanding the Role of the Performer in the Composer-Performer Collaborative Process

Abstract. Collaborative Process; Levels of Collaboration; Role of the Interpreter.

Keywords. The present work seeks to address issues relating to the role of the performer in the composer-performer collaborative process, which took place through bibliographical research. This excerpt is part of ongoing research, in which the objective is to understand how the collaborative composer-performer process can contribute to the creative and interpretative process of three works for trombone and piano that will be based on genres and styles present in the oral popular culture of the Zona da Mata Norte de Pernambuco, from the Doctoral Course in Music, in the Musical Performance line (processes and practices in musical performance) of the Postgraduate Program in Music at the Federal University of Bahia. In this way, it was possible to understand different possibilities of action in relation to the performer who seeks to participate in a collaborative process with a composer. They can act from placing an order, to even participating in the creation of a work. Therefore, as Torrence (2018) highlights, collaborative practices contribute as much

to the performer's artistic practice as that which occurs on stage, in addition to enabling the recording of the composer's and performer's decisions.

A colaboração compositor-intérprete

A colaboração compositor-intérprete se trata de uma das possibilidades em meio às pesquisas performáticas, que através do processo de criação conjunta, possibilita à ambos os envolvidos emergir nas práticas por meio de interações. A respeito da pesquisa performática, cada vez mais ganha espaço como um tendência metodológica na área de performance musical, rompendo as fronteiras entre a pesquisa, criação e realização, sendo o fazer artístico a pesquisa em si (BERTISSOLO; SFOGGIA; CARDASSI, 2019, p. 12). Ainda sobre a pesquisa performática, os referidos autores comentam que, a mesma se “propõe uma dissolução de fronteiras entre pesquisa, criação e realização” (BERTISSOLO; SFOGGIA; CARDASSI, 2019, p. 12). Por meio deste tipo de pesquisa, tanto o compositor quanto o intérprete podem buscar criar e realizar modificações por meio das interações e ideias que venham a surgir durante o processo, como também, possibilita ao intérprete acompanhar a elaboração da obra de forma mais presente.

Domenici (2010) destaca que a colaboração entre compositores e intérpretes é uma prática bastante comum desde meados do Séc. XX, mas que, nem sempre ambos os envolvidos deixaram registrado por meio de documentos como ocorreu o processo colaborativo e/ou composicional. O registro deste tipo de ação é algo que pode contribuir significativamente para os instrumentistas e compositores, buscando compreender diferentes questões que envolvem uma determinada obra, ou mesmo, como se deu a escrita daquela música.

Através do estudo sobre processo colaborativo, a compreensão de uma visão mais ampla sobre a obra musical pode influenciar as decisões performáticas do intérprete, podendo assim, conhecer as ideias do compositor, contextos que envolvem as ideias composicionais da obra, além de questões técnicas. Por meio do processo colaborativo, também se tem a possibilidade de explorar as ideias do intérprete, questões idiomáticas e não-idiomáticas do instrumento, dentre outras questões. Assim, como menciona Lobo (2019), este tipo de processo traz diferentes pontos positivos para ambos os envolvidos.

Alguns compositores desejam e buscam a colaboração durante o processo de construção de uma nova obra. Dessa forma a possibilidade de explorar o instrumentista em questão faz com que o compositor possa colher todas as informações desejadas para a concepção da música. Por outro lado, também se pode observar um valor benéfico para o intérprete, no sentido de entender as questões propostas pelo compositor e sua linguagem composicional. (LOBO, 2019, p. 19)

O processo colaborativo compositor-intérprete possibilita aos envolvidos a troca de informações, experiências, realizar adequações, além de poder documentar o processo de elaboração de uma nova obra. Especificamente, no caso do intérprete, sabe-se que diferentes questões não são possíveis de serem descritas na partitura, como também, a partitura por si só não é capaz de transmitir todas as informações possíveis a respeito da mesma (COOK, 2006). Assim, para o intérprete no processo colaborativo, “se torna mais fácil obter informações que não podem ser descritas na partitura, a exemplo de interpretações, tipos de sonoridade, entre outras” (LOBO, 2019, p. 19).

Portanto, a prática colaborativa, como menciona Domenici (2013, p. 11), caracteriza-se através de uma relação horizontal e recíproca entre os envolvidos. O processo composicional não deve ser tratado como algo isolado, assim como, o processo interpretativo. Como já destacado, o envolvimento na relação compositor-intérprete pode resultar em diferentes benefícios para ambos, porém, ainda se tem a necessidade do aumento de registros deste tipo de processo, que poderá também contribuir com outros compositores que queiram conhecer mais detalhadamente as questões que envolvem a obra, além de intérpretes que venham a executar determinada música.

Diante destas questões e possibilidades em meio às pesquisas do fazer artístico-musical, este trabalho faz parte da pesquisa em andamento do Curso de Doutorado em Música do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba, na Linha de Execução Musical (processos e práticas em execução musical). A pesquisa busca compreender como o processo colaborativo compositor-intérprete pode contribuir no processo criativo e interpretativo de três obras para trombone e piano que serão baseadas em gêneros e estilos presentes na cultura popular oral da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Desta forma, pretende-se utilizar diferentes elementos musicais de gêneros e estilos presentes em três manifestações culturais da região, o Cavalo Marinho, Maracatu Rural (Maracatu de Baque Solto) e o Coco de Engenho. Assim, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza aplicada, que terá como principal procedimento metodológico a pesquisa participante. Como destaca Schmidt (2006), este procedimento promove uma relação com o outro, além da possibilidade colaborativa entre o pesquisador e os participantes da pesquisa.

Níveis de colaboração a partir da interação compositor-intérprete

A colaboração compositor-intérprete pode ocorrer de diferentes formas, podendo haver uma relação de troca em menor ou maior nível interação, desde a encomenda de uma

obra até o nível de criação mútua entre os envolvidos. Diante destes tipos de colaboração, nem sempre é possível encontrar registros de obras que foram criadas através de colaboração, como também, qual o nível de interação que houve durante o processo. Domenici (2013), trata sobre três pontos que contribuem para compreendermos hierarquicamente os tipos de colaboração:

1 – performers tem poderes e responsabilidades em igual medida ao compositor; 2 – a relação colaborativa distancia-se da impessoalidade da relação de trabalho; 3 – a oposição epistemológica entre compositor e performer é base para a prática colaborativa (DOMENICI, 2013, p. 10).

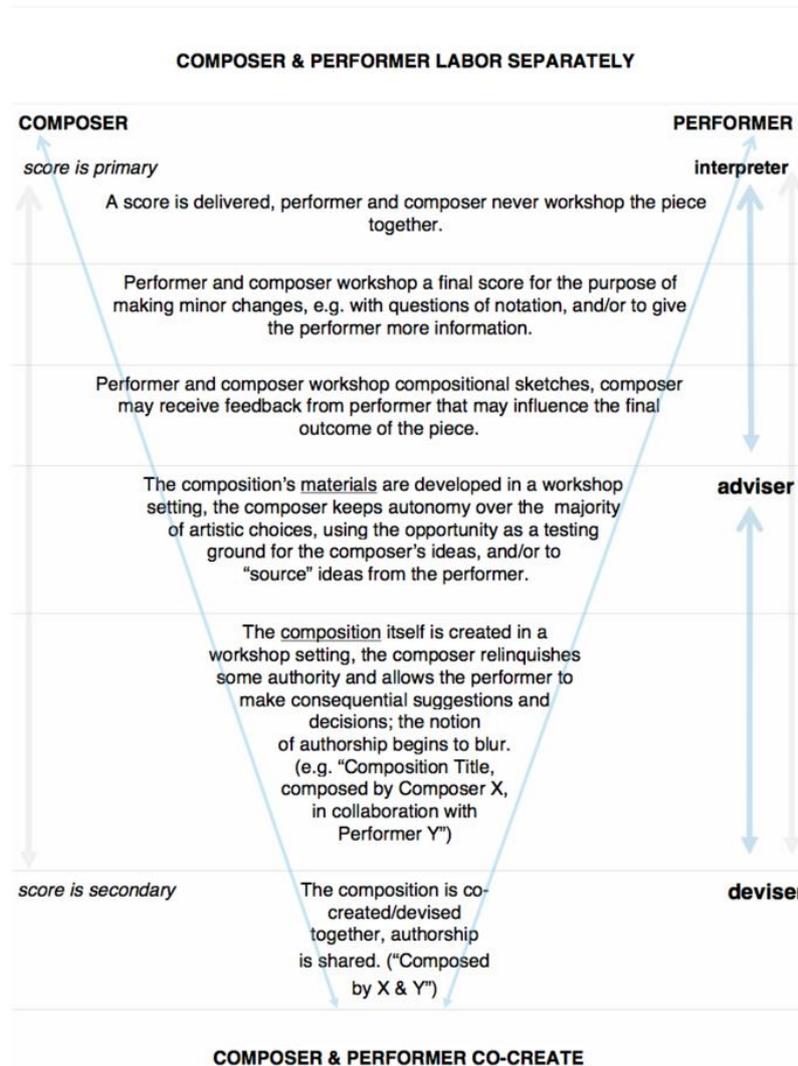
No primeiro tipo de colaboração, o intérprete poderá contribuir na elaboração de uma determinada obra por meio da composição. Este tipo de interação, ainda não muito comum em relação às obras oriundas do processo colaborativo, apresenta vasta possibilidade de contribuições. No segundo caso, os envolvidos devem buscar interagir na construção da obra, podendo haver sugestões de mudanças, modificações da escrita, dentre outras questões que não chegam a ser uma contribuição composicional. Através da interação com o compositor, o intérprete tem a possibilidade de dialogar com o mesmo, sugerir alterações, assim como, buscar compreender diferentes questões que envolvem a obra. O terceiro ponto destaca o distanciamento entre o compositor e o intérprete no processo de construção de uma obra, além de evidenciar algo bastante comum nas práticas de performance, na qual o intérprete tem contato apenas com a partitura, buscando compreender as ideias do compositor.

Ainda a respeito dos tipos de colaboração possíveis na relação compositor-intérprete, Torrence (2018) apresenta o modelo intérprete-conselheiro-idealizador¹ (fig. 1), que aborda as possibilidades de interações entre os envolvidos na elaboração de uma obra. Na figura é possível perceber que, de acordo com o tipo de colaboração, o intérprete poderá influenciar no resultado final de diferentes maneiras. A partir dos três tipos de colaboração a partitura se torna algo primário ou secundário, que dependerá do tipo de envolvimento na elaboração da obra. O objeto partitura, que tradicionalmente era o principal meio para o intérprete aprender a música, dá vez a possibilidade da criação em conjunto e troca de experiências por meio do diálogo e interações. Também é comum neste tipo de relação a possibilidade do registro compartilhado da composição, dando visibilidade e direitos ao intérprete a partir da sua contribuição. Assim, as formas de colaboração destacadas por Torrence (2018) podem influenciar diretamente nas tomadas de decisões do intérprete, como também, explorar o seu lado criativo na composição.

¹ *The interpreter-adviser-deviser model* (TORRENCE, 2018).



Figura 1 – Abordagens para a colaboração compositor-performer
**APPROACHES TO COMPOSER-PERFORMER
COLLABORATION**



Fonte: Torrence (2018)

Portanto, a partir das abordagens de Domenici (2013) e Torrence (2018), é possível perceber que existem três possibilidades em diferentes níveis de interação no processo colaborativo compositor-intérprete, desde o performer na função intérprete, com o mínimo de interações e trocas, até o nível de co-criador, podendo influenciar diretamente no resultado final da obra. Como também, é importante que ambos os envolvidos estejam cientes de qual nível de colaboração irão partir na busca pela criação de uma nova música.

O papel do intérprete na colaboração compositor-intérprete a partir dos níveis de interações

Em meio ao processo colaborativo, o intérprete (performer) pode exercer o papel de intérprete da obra, buscando transmitir as ideias do compositor, como consultor, discutindo ideias e podendo propor alterações, ou como criador/cocriador, participando do processo criativo de forma direta (TORRENCE, 2018). Estas funções podem ser negociadas diretamente com o compositor principal, que também pode ser um parceiro na elaboração de uma determinada obra. Para Bertissolo, Sfoggia e Cardassi (2019, p. 14), “trabalhar de forma colaborativa é organizar os processos empíricos dos envolvidos em um caminho que seja coerente e unificado”. Assim, cada envolvido deve ser capaz de buscar contribuir por meio da sua função, desde uma possível encomenda de obra ou uma composição colaborativa.

Sobre o intérprete no processo colaborativo, Domenici (2010) evidenciou duas funções do seu papel como intérprete ao analisar os registros dos encontros com o compositor Felipe Ribeiro, considerando o resultado da versão da partitura gerada a partir da colaboração compositor-intérprete, sendo elas:

“1- uma função mediadora, onde o intérprete se coloca tanto entre o compositor e o instrumento, quanto entre o texto e um outro intérprete que venha a tocar a peça no futuro; 2- uma função inspiradora, onde a demonstração de recursos do instrumento impacta a idéia composicional” (DOMENICI, 2010, p.1146).

A visão do intérprete por meio de interações com o compositor pode contribuir significativamente para que outros músicos possam compreender diferentes aspectos presentes numa obra. Por exemplo, uma determinada música pode ter sido criada a partir das características de um músico específico, a partir do olhar do compositor em relação à sua técnica no instrumento. Sendo assim, a depender de quem for interpretar aquela obra, o mesmo poderá não estar familiarizado com os elementos musicais presentes na partitura, precisando de outros meios para compreender a música, tanto por meio de gravações quanto registros sobre a composição.

Desta forma, o intérprete em meio ao processo colaborativo poderá discutir diferentes questões composicionais e interpretativas, tendo em vista que o mesmo estará diretamente envolvido na criação da obra, como também, poderá realizar registros que venham a contribuir com futuros intérpretes. Estas contribuições podem ser meio de elementos musicais para criação de uma obra, estrutura, melodias, questões interpretativas e de notação musical, idiomatismo do instrumento, além de possibilidades sonoras e técnicas que o instrumento e músicos podem oferecer. Sabendo que, no caso do performer, ao lidar com uma obra musical, a partitura por si

só não é capaz de transmitir todas as informações possíveis a respeito da mesma (COOK, 2006).

A respeito das decisões interpretativas e a escrita musical, Cook (2006, p. 9) desta que:

Há decisões de dinâmica e timbre que o performer precisa tomar, mas que não estão especificadas na partitura; há nuances de andamento que afetam essencialmente a interpretação e que fogem das especificações metronômicas explicitadas na partitura. Na música de conjunto, estes elementos que, apesar de sua relevância musical, não constam grafados, são negociados entre os performers (esta negociação corresponde a boa parte do que acontece nos ensaios). (COOK, 2006, p. 10)

O intérprete tem a possibilidade de mediar informações e o registro das decisões através do processo colaborativo através da sua visão enquanto o executante da obra. Decisões estas que podem ser oriundas de interações e da sua visão enquanto instrumentista, por exemplo. Assim, o resultado final de sua performance musical a partir da interpretação de uma obra, também é o resultado das discussões e acordos realizados por meio do processo colaborativo. A respeito da troca de conhecimento e identidade da prática artística do intérprete, Torrence (2018), comenta que:

No entanto, para fundamentar a sugestão de que as funções colaborativas poderiam refletir toda uma prática artística, é útil considerar a noção de que um aspecto que contribui para a formação da identidade e da subjetividade é a relação entre uma pessoa e outra. No caso do intérprete, a relação com o compositor e a partitura é um elemento crucial para a compreensão da subjetividade do intérprete. O intérprete que vê o compositor como uma autoridade, através da qual o intérprete aprende ou cresce, é uma subjetividade totalmente separada do intérprete que se identifica como igual ao compositor quando se trata da questão do que e como uma nova peça musical é feita. (TORRENCE, 2018 - Tradução Nossa)²

Com isso, o intérprete ao participar de um processo colaborativo terá diferentes possibilidades de atuação, não sendo apenas um executante da obra. Suas contribuições irão interferir diretamente no resultado final da obra, por meio da interação com o compositor, demonstrações técnicas e musicais no instrumento, possíveis sugestões e modificações, ou mesmo, contribuindo com a composição por meio da criação. Além das contribuições por meio da interação com o compositor, o registro do processo poderá contribuir diretamente com outros

² “However, for the purposes of grounding the suggestion that collaborative roles could reflect an entire artistic practice it is useful to consider the notion that one aspect contributing to the formation of both identity and subjectivity is the relation between a person and another. In the case of the performer, the relationship towards composer and the score is a crucial element for understanding performer subjectivity. The performer who sees the composer as an authority, by which the performer learns or grows, is a subjectivity altogether separate from the performer who identifies as equal to the composer when regarding the question of what and how a new musical piece is made.” (TORRENCE, 2018)

intérpretes como também, com compositores que busquem compreender como se deu o processo de composição da obra.

Considerações Finais

Desta forma, este trabalho buscou abordar questões referentes ao papel do intérprete em meio ao processo colaborativo compositor-intérprete, através de textos de diferentes autores que tratam sobre o assunto. A partir das discussões percebemos as diferentes possibilidades de atuação do intérprete ao participar de um processo colaborativo juntamente com o compositor. O intérprete além de realizar a tradicional encomenda de uma determinada obra, também pode contribuir com a criação da mesma em parceria com o compositor. Em concordância com Torrence (2018), as práticas colaborativas contribuem para o intérprete/performer, com a prática artística e aquela ocorre no palco. Assim, através do processo colaborativo compositor-intérprete, os envolvidos têm a possibilidade de criar estratégias de colaboração e registro das ações, além de, poder contribuir com futuros intérpretes daquela obra gerada no processo e outros compositores que busquem compreender como a obra foi elaborada.

Referências

BERTISSOLO, Guilherme; SFOGGIA, Lia; CARDASSI, Luciane. Converse: discutindo um processo colaborativo e suas bases cognitivas. *Percepta*, v. 7, n. 1, 2019, p. 11-27. Disponível em: <https://lucianecardassi.files.wordpress.com/2022/07/percepta-v7-n1-pp11-27.pdf> Acesso em: 02 maio 2023

COOK, Nicholas. Entre o processo e o produto: música e/enquanto performance. *Per Musi*, Revista Acadêmica de Música, n.14, p. 5-22, 2006. Disponível em: http://musica.ufmg.br/permusi/permusi/port/numeros/14/num14_cap_01.pdf Acesso em: 10 abr. 2022

DOMENICI, Catarina Leite. It takes two to tango: a prática colaborativa na música contemporânea. *Revista do Conservatório de Música da UFPel*, No. 6, p. 1-14, Pelotas, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/RCM/article/view/3202> Acesso em: 04 jul 2023

DOMENICI, Catarina Leite. O intérprete em colaboração com o compositor: uma pesquisa autoetnográfica. In: XX Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. *Anais*. p. 1142-1147, 2010. Disponível em:



[https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2010/ANAIS do CONGRESSO ANPPON 2010.pdf](https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2010/ANAIS_do_CONGRESSO_ANPPON_2010.pdf) Acesso em: 21 mar. 2023

LOBO, Rodrigo de Almeida. *Compositor e intérprete: reflexões sobre colaboração e processo criativo em Caminho Anacoluto II—quasi-Vanitas de Marcílio Onofre*. João Pessoa. 83f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8404> Acesso em: 21 mar. 2023

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. *Psicologia USP* [online], v. 17, n.2, p. 11-41, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41889> Acesso em: 18 nov. 2023

TORRENCE, Jennifer. Rethinking the Performer: towards a devising performance practice. *VIS Nordic Journal for Artistic Research*, Issue 0, 2018. <https://doi.org/10.22501/vis>. Disponível em <https://www.en.visjournal.nu/rethinking-the-performer-towards-a-devising-performance-practice/> Acesso em: 24 abr. 2023